



| FORA DA CAIXA • SAMY DANA

OTIMISTAS CONVICTOS QUE NÃO ACREDITAM NO FUTURO DO BRASIL

Se fôssemos esboçar uma imagem do brasileiro com base no senso comum, provavelmente diríamos que somos um povo otimista. A afirmação é verdadeira, mas em partes, já que temos um comportamento contraditório: somos muito otimistas quando analisamos nosso futuro como indivíduos, mas pessimistas em relação ao futuro do país. Como bem descreve Marcelo Neri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Brasil é um país em que o todo é menor do que a soma das partes.

O grande revés dessa contradição é a dificuldade de organizar ações e contar com o engajamento social para alcançar metas que favoreçam a sociedade como um todo. Para se ter uma ideia do excesso de otimismo do brasileiro como indivíduo, no artigo *O futuro social do Brasil: imaginado pelos brasileiros*, Neri destaca que, em um horizonte de cinco anos, a nota das pessoas em relação às suas expectativas positivas de vida é a maior em uma lista com mais de 130 países. Isso foi constatado oito vezes seguidas em pesquisas conduzidas pela consultoria Gallup e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre 2006 e 2013. Essa regularidade empírica é tão rara quanto uma pessoa acertar sozinho 60 vezes os seis números da Mega-Sena.

Para fins de comparação, em 2008, a pesquisa da Gallup mostrou que, numa escala de 0 a 10, a nota do brasileiro quanto à expectativa de felicidade para o país foi de 6,8. Já no que diz respeito à expectativa de felicidade individual, a nota subiu para 8,6. Em 2013, a primeira nota se manteve, enquanto a segunda caiu ligeiramente para 8,4. Vale lembrar que nesse ano grandes manifestações tomaram o país, inicialmente pela insatisfação com a Copa do Mundo, posteriormente por várias outras reivindicações. Ou seja, mesmo com o povo insatisfeito

em diversos quesitos, a nota da expectativa de felicidade individual permaneceu alta.

O excesso de otimismo do brasileiro poderia ser encarado de forma positiva, mas na prática traz resultados negativos, porque a confiança está focada na perspectiva pessoal, não no olhar coletivo, necessário para o avanço do Brasil. Quanto mais as convicções pessoais se fortalecem em detrimento do todo, maior a dificuldade de coesão para o desenvolvimento do país.

Se olharmos em retrospecto, Neri ressalta algumas conquistas que alcançamos devido à pressão popular, como o processo de redemocratização e a estabilização da inflação na década de 1990. Esses exemplos mostram a necessidade de focarmos mais na coletividade do que em nós mesmos como indivíduos.

Por outro ângulo, percebemos essa disparidade entre o individual e o coletivo quando examinamos a riqueza do país. Se analisarmos a média de renda da população, o Brasil não é pobre, mas possui forte desigualdade social. O problema da violência também pode ser encarado por essa perspectiva. Individualmente, o cidadão precisa se sentir seguro e acredita que isso pode ser conquistado com aumento de policiamento, segurança pessoal, muros mais altos... Em contrapartida, o cerne do problema – a desigualdade, que motiva a violência – não recebe a atenção que merece de cada um.

O momento político delicado que vivemos reforça os traços da individualidade brasileira. De modo geral, há muita insatisfação, mas pouca coesão social em termos de propósitos. Se queremos ter orgulho do nosso otimismo histórico e usá-lo como motor para o desenvolvimento do país, é preciso olhar menos para nós mesmos e enxergar o todo com mais amplitude.

SE QUEREMOS
UTILIZAR O OTIMISMO
COMO MOTOR PARA O
DESENVOLVIMENTO
DO PAÍS, É PRECISO
OLHAR MENOS PARA
NÓS MESMOS E
ENXERGAR O TODO
COM MAIS AMPLITUDE.